

LITERATURA PARANAENSE E FORMAÇÃO DE SISTEMA LITERÁRIO NOS CINCO PRIMEIROS NÚMEROS DE NICOLAU (1987)

Marco Aurélio de Souza (UFPR)¹

Resumo: Este trabalho se propõe a discutir os cinco primeiros números de Nicolau, periódico cultural que circulou entre os anos de 1987 a 1996, tendo em vista o conceito de sistema literário e seus problemas (CÂNDIDO, 2014), bem como a posição que o jornal ocupa no conjunto da história literária paranaense. Pela relevância do veículo, bem como por seu conteúdo intimamente vinculado aos problemas da literatura paranaense, proponho um olhar sobre a formação de uma tradição e uma memória literária no Paraná, bem como a emergência de um diálogo intergeracional entre escritores que produziram no estado, certo de que tais elementos podem jogar nova luz sobre a configuração da história literária regional.

Palavras-chave: Sistema literário; História literária; Nicolau.

Em prefácio à antologia “101 poetas paranaenses” (2014), publicada pela Biblioteca Pública do Paraná, o poeta e crítico literário Ademir Demarchi, organizador da obra, aponta o que seria, na sua visão, uma das marcas da poesia paranaense contemporânea – a “metapoética”. O conceito se refere a uma forma de escrita que faz referência ao estilo ou à figura de outros escritores. Neste caso, textos e autores que fazem parte do imaginário literário do Paraná:

Outra marca comum a vários autores é a metapoética, como na de Glauco Flores de Sá e Brito, que remete a Dalton Trevisan (no qual se pode ler Emiliano Pernetá), ou na de Marcelo Sandmann em relação a José Paulo Paes, Dalton, Leminski, e de tantos outros poetas a estes últimos, como Sossélla, com um livro dedicado ao “cachorro louco Paulo Leminski”, além de vários livros ou poemas em que se refere a outros escritores paranaenses transformados em personagens, assim como João Manuel Simões com um livro de poemas que remetem a escritores. Essa escrita poética, assim configurada, estabelece uma prática de leitura crítica curiosa, alimentando um universo próprio de escritores que vão habitando esse espaço imaginário da poesia como se fosse o bairro imaginado do escritor português Gonçalo M. Tavares. (DEMARCHI, 2014, p. 20)

De fato, não somente a poesia acima mencionada (se) alimenta (d)este universo próprio de escritores, como também alguma prosa produzida no estado, a exemplo do conto “A noite está velha”, de Marcio Renato dos Santos (2014). Desde o título, clara referência ao romance “Mano, a noite está velha”, de Wilson Bueno, o conto mergulha

¹ Graduado em História (UEPG), mestre em Linguagem (UEPG) e doutorando em Estudos Literários (UFPR). Contato: aurelio.as25@yahoo.com.br



nesta sorte de bairro de escritores, todos paranaenses. Publicado em “2,99”, seu enredo retrata um concurso semanal de imitadores do Paulo Leminski, que reúne no bar “Bashô” dezenas de “poetas” bigodudos que, sob a chancela dos aplausos mútuos, enunciam seus joguetes vazios de linguagem. “Ananias/come até mesmo/melancias”, declama o mais festejado dos poetas presentes. Após uma overdose de imitações baratas da dicção leminskiana, todas elas devidamente festejadas pela plateia etífica, Claudio, o protagonista do conto, sobe ao palco e, no microfone, faz menção ao título de obras de autores como Jamil Snege, Wilson Bueno e Manoel Carlos Karam. Em resposta ao inusitado de sua apresentação, somente as vaias do público. O conto termina, enfim, com uma fuga – a turba do Bar Bashô persegue Claudio, o estranho no ninho, e este, depois de despistar os leminskianos enraivecidos, recebe o diagnóstico de um vendedor de cachorros-quentes: “Você é o verdadeiro leminskiano. O leminskiano de verdade não imita o Leminski, não usa bigode nem pratica trocadilhos. O leminskiano de verdade é o anti-Leminski” (SANTOS, 2014, p. 31).

Meu propósito, aqui, não é discutir as qualidades do conto. Interessa-me, porém, a figuração de uma tradição que parece estar já consolidada, traduzida sob a forma do poeta forte e sua multidão de seguidores. Em “Passagens” (2002), outra coletânea de poetas do Paraná organizada por Ademir Demarchi, este aponta para a influência incontestável de Paulo Leminski sobre toda uma geração de escritores paranaenses contemporâneos, afirmando, inclusive, que a figura de Leminski se tornou um obstáculo criativo, uma referência a ser superada. Vale a citação:

Por fim, dada a importância e propagação não só no estado, mas nacional, que a dicção peculiar de Paulo Leminski, bem como suas preferências poéticas – caso específico do haicai –, conseguiram, influenciou-se de forma incontestável os poetas das gerações seguintes, fato que é constatável numa enormidade deles hoje em dia. Muitos dos seus continuadores souberam sair desse gueto renovando sua linguagem e explorando caminhos próprios, como são os casos, nesta antologia, de Ademir Assunção, Marcos Losnak, Maurício Arruda Mendonça, Ricardo Corona, Roberto Prado, ou Édson de Vulcanis e Nivaldo Lopes, que ainda deixam a desejar. Mas não se trata apenas destes, pois a influência de Leminski foi evidente, a tal ponto que talvez não haja um poeta aqui que não tenha, em algum momento, repetido a sua dicção ou escrito um haicai, formato este que, pode-se dizer, alastrou-se de tal forma que parece ser o soneto nauseante da nossa época. Leminski, assim, tornou-se uma referência a ser superada, portanto a se opor,

sobretudo para estar à altura daquele poeta irreverente, militante e do contra, para dizer o mínimo. (DEMARCHI, 2002, p. 17)

Seja no conto de Marcio Renato dos Santos, seja no ensaio crítico de Demarchi, a ideia é a mesma: é preciso sair da sombra de Leminski. O crítico, porém, vai além, advertindo que, em vista da força avassaladora desta influência, procurou, entre os critérios adotados na antologia, evitar poemas que emulassem a dicção leminskiana ou que sofressem com demasiada semelhança, não chegando, deste modo, a uma voz própria, diferente daquela utilizada pelo poeta curitibano.

Se é certo que Paulo Leminski se tornou um ícone pop da poesia – e os números de venda da antologia “Toda Poesia” o comprovam –, e que em âmbito paranaense sua dicção poética é ainda mais usada e abusada, tal estado de coisas, contudo, parece contrastar com a análise realizada por Fernando Cerisara Gil, em seu artigo *Notas sobre as Aporias da Literatura no Paraná (ou o porquê de a literatura do Paraná não ter a sua história)* (2009). Nele, o autor desenvolve uma hipótese de trabalho a respeito da inorganicidade da literatura paranaense, a qual, de uma perspectiva candidiana, pode-se dizer que sequer existiria enquanto fenômeno social. Antes de nos atentarmos ao argumento de Gil, porém, relembremos do conceito de sistema literário defendido por Antônio Cândido.

Em “Formação da Literatura Brasileira” (2014), Cândido elabora a noção de literatura propriamente dita em contraste com o que chamou de manifestação literária. Para ele, a literatura deveria ser entendida como uma prática coletiva, ancorada no tripé autor-obra-público, que dariam consistência a um sistema literário orgânico, ou seja, vinculado a uma realidade concreta de produção. O tripé de base, contudo, não seria capaz de sustentar um sistema literário na ausência de um elemento de cunho histórico ou temporal. Para o crítico, a formação do sistema depende, em grande medida, da existência de uma tradição, a “continuidade literária – espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os delineamentos de um todo” (CÂNDIDO, 2014, p. 25).

Conduzindo tal reflexão para âmbitos regionais, Fernando Gil aponta para a marca de descontinuidade literária no que deveria ser a história literária paranaense, descontinuidade que implica numa ausência de coesão interna e explica, em partes, a sensação de inexistência de uma literatura propriamente dita no estado. Focando três



momentos importantes da produção literária do Paraná no século XX – o movimento simbolista, o advento da revista Joaquim e o diálogo com as vanguardas concretistas que se dá, especialmente, pela figura de Paulo Leminski –, o crítico assim elabora sua visão do conjunto:

Em momentos literários importantes, a busca de legitimidade (seja no plano da convenção estética, seja no plano do reconhecimento social) se deu com olhos para além das fronteiras locais. Digamos que a conversa literária buscada era estabelecida diretamente com instâncias literárias prestigiosas do país ou mesmo fora dele. Isso pode ser traduzido, num primeiro instante, como a investidura de um desejo de expressão cosmopolita, de um “diálogo direto com o mundo” e de um desejo de ser visto e compreendido como tal. (GIL, 2009, p. 143)

E assim resume a questão:

A atitude de Paulo Leminski, da poesia Simbolista e dos “novos” da revista Joaquim sugere a presença de algumas constantes que se tentou apreender nesses três momentos da literatura no Paraná. (...) a) uma consciência literária que expressa um forte sentimento de descontinuidade com relação ao passado, como se este não pudesse se cristalizar dado o caráter rarefeito da experiência literária; b) na ausência de uma tradição, a interlocução em seus mais diversos níveis (os modelos a se seguir, o leitor prefigurado etc.) está para muito além das fronteiras locais, que pode se traduzir na convenção universalista e cosmopolita como a do simbolismo, pode ainda ser “os supremos valores da literatura nacional e universal”, ou quem sabe também o que de supostamente mais avançado há do ponto de vista da experimentação literária do momento; c) a literatura produzida no Paraná manifesta o que chamaria de uma compulsão à contemporaneidade, como se a sua legitimidade somente pudesse ser obtida através de modelos literários chancelados pela atualidade. (GIL, 2009, p. 149)

Dada a inexistência de uma literatura paranaense propriamente dita, ou da passagem da tocha, conforme a expressão de Cândido, como explicar, então, a profusão de escritores paranaenses que se utilizam da matéria literária local na produção do que Ademir Demarchi chamou de uma “metapoética”? Ou ainda, como explicar a influência avassaladora de Leminski, que se tornou, retomando o conto de Marcio Renato dos Santos e a análise de Demarchi, uma figura a ser combatida? Daí que, procurando responder a esta questão, minha atenção tenha se voltado para o principal periódico paranaense do período posterior ao recorte efetuado por Gil. Ainda que preliminar, uma análise dos cinco primeiros números do jornal Nicolau pode nos sugerir alguns caminhos para uma



reavaliação do tema, tendo em vista a produção literária contemporânea do Paraná e seus diálogos com o passado, ou o processo de formação de uma tradição.

Revisitando Nicolau

Editado por Wilson Bueno entre os anos de 1987 a 1996 e financiado pela Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, Nicolau marcou uma geração de intelectuais não apenas paranaenses, mas brasileiros, uma vez que sua circulação atingiu, à época de seu auge (sexta edição), o expressivo número de 162 mil exemplares distribuídos em todo o território nacional, chegando à expressiva marca dos 20 mil assinantes (DEMENECK, 2014).

Com a proposta de um veículo cultural independente de orientações políticas, ideológicas e estéticas bem definidas, o jornal abria espaço para um mosaico de vozes que, por sua pluralidade, fazia coro aos anseios democráticos da intelectualidade do período. Em suas páginas, contribuíram nomes conhecidos da literatura produzida no Paraná, a exemplo de Paulo Leminski, Jamil Snege, Manoel Carlos Karam, Valêncio Xavier e Domingos Pellegrini, mas também escritores de projeção nacional, como João Antônio, Rubem Braga, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar e Lygia Fagundes Telles. A busca pela construção de um diálogo com o que havia de mais recente em âmbito nacional e – por que não? – universal, porém, não alheou o periódico dos debates efetivamente locais. Entre os assuntos de ordem local, deparamo-nos com ensaios sobre as dificuldades da cena cultural curitibana ou ainda reportagens sobre o patrimônio, a arte e a história do Paraná. As resenhas, quase sempre voltadas ao meio editorial regional, davam um panorama do que era lançado não apenas pelos grandes nomes como também pelas revelações do meio literário paranaense. Era nítida, portanto, a predileção da equipe pelos assuntos domésticos, à revelia de sua proposta e recepção cosmopolita, como se os responsáveis pelo periódico enfatizassem o tempo todo que, para ser universal, antes é preciso ser e reconhecer o que há de mais local à sua volta, a exemplo da própria escolha para o nome do jornal, ligada às marcas deixadas pela imigração na cultura do estado.

Financiado pelo poder público, evidentemente que Nicolau mantinha certo compromisso com as coisas de sua terra natal. Não apenas seu conteúdo apresenta intimidade com a cultura paranaense como, também, e por diversas vezes, o jornal se abria para a colaboração de nomes políticos do estado. Não raro, a seção “Painel” – que



acompanhou o jornal em seu primeiro ano e promoveu uma constelação de debates que perpassavam as mais variadas facetas do social – trazia um ou mais congressistas paranaenses levantando algum tema pertinente à sua atuação. Os textos de cunho político, porém, não recebiam qualquer tratamento diferenciado: presentes, sobretudo, na seção “Painel”, tais intervenções recebiam a mesma medida de espaço que as demais colaborações publicadas na seção. Apesar da dependência do dinheiro público, a diversidade era uma marca registrada do periódico. Ideologicamente, matizes contrários coexistiam, muitas vezes em condição de proximidade tal que uma certa tensão (e uma lufada de liberdade) se estabeleciam imediatamente, por meio do contraste. A título de exemplo, em seu primeiro número, Nicolau publica texto assinado pelo então governador do Paraná, Álvaro Dias, lado a lado a uma crítica ferrenha à miséria cultural que o país e o estado viviam, assinada pelo escritor Roberto Gomes. Como se vê, prevalece o sentimento democrático de esforço pelo contraditório.

Em meio à profusão de temas, porém, importa aqui dar relevo aos textos que fomentavam debates a respeito da cultura paranaense, em especial a literária. Some-se a isso, no entanto, aquilo que há de formação identitária no jornal, uma vez que entre o estabelecimento de uma literatura paranaense e o reconhecimento de uma identidade paranaense existe, evidentemente, uma relação de interdependência e retroalimentação. Assim, com foco no corpus estabelecido – o conjunto dos cinco primeiros números de Nicolau –, observamos elementos que contribuem para a discussão pretendida em todas as edições, sendo que o número inaugural já nos oferece uma mostra consistente do que pode se esperar dos debates do jornal.

Destaca-se, tanto no primeiro número como nas edições subsequentes, a presença hegemônica de textos produzidos por autores paranaenses ou radicados no estado. Desde sua capa, os nomes da vida cultural do Paraná são os que tomam conta do periódico. Os debates que surgem aí, deste modo, apontam para questões específicas da cultura e da arte no Paraná. São muitos os exemplos, que percorrem todas as seções do jornal. Na seção “Painel”, encontramos Mazé Mendez criticando a situação das artes plásticas no estado e Luiz Mazza apontando para o problema da “evasão de cérebros” que ocorre nas regiões periféricas do país. As paisagens das mais diversas regiões do Paraná, por sua vez, também se espalham por todo o número. Adolpho Mariano da Costa escreve sobre o Oeste, apresentando, inclusive, certos laivos de rivalidade entre as diferentes regiões do



estado. Geraldo Teixeira, utilizando-se do artista plástico Michaud como pretexto, faz longa reportagem sobre a ilha de Superaguí e suas condições paupérrimas de vida, observando a pobreza da população, refém de uma única atividade econômica, a pesca. Além dos artigos de cunho cultural e geográfico, encontramos ainda outras abordagens da realidade paranaense, que vão desde a entrevista ficcional com Potty Lazaroto produzida por Valêncio Xavier, passando pelo ensaio fotográfico sobre carroções de Júlio Covello e o ensaio sobre o teatro em Curitiba, assinado por Zeca Corrêa Leite, além dos textos de ficção de autores paranaenses ou radicados no estado, quesito em que se destacam os contos de Manoel Carlos Karam, Jamil Snege e Domingos Pellegrini.

A vida literária do Paraná, enfim, é foco também de crítica, o que revela um esforço para discutir e dar espaço ao que de novo estava surgindo no meio literário local. A esse respeito, podemos citar o artigo de Paulo Leminski, avaliando o “boom literário” que, na visão do autor, o Paraná vivenciava, resenhando três novas antologias poéticas publicadas à época em Curitiba. Não bastasse o esforço de Leminski, a seção de resenhas do jornal dedicou-se por um longo período inteiramente aos lançamentos do meio editorial paranaense ou aos autores que possuíam com o estado algum vínculo. Implicitamente, o periódico assumia sua responsabilidade para com o fortalecimento da “cena literária” do Paraná, especialmente da capital Curitiba.

Isto quer dizer que Nicolau estava, naquele momento, voltada inteiramente ao próprio umbigo? Não necessariamente. Dividindo espaço com este material, temos ainda crônicas e artigos que elegem o Chile e a França como paisagem e tema, um ensaio sobre arte moderna e experimentalismo, além das traduções de Lezama Lima e Issa Kobayashi. Em comum, porém, os intelectuais e escritores do Paraná que assinam os textos e as traduções referidas.

Assim, logo em seu primeiro número, Nicolau mostrava que, efetivamente, a intenção do periódico era dar voz a uma certa inteligência paranaense que, por contingências inúmeras, tinha pouca visibilidade a nível nacional. Percebemos, portanto, que desde sua estreia o Nicolau evocou temas como a identidade paranaense, as dificuldades do meio artístico local, a falta de vínculo entre a população paranaense e as produções artísticas regionais e, ainda, a “autofagia curitibana”, que se revela, entre outras coisas, através da valorização do artista que migra para outras regiões, o que, supostamente, não se daria com aqueles que ficam e decidem criar e produzir no Paraná.



Cabe ressaltar que tal espectro de temas não se limitou ao número de estreia – ele seria recorrente em diversas edições do jornal, criando as condições para um debate a respeito das dificuldades, carências, qualidades e potencialidades da arte, da cultura e da literatura do Paraná. Veremos, na sequência, como se dá o debate efetivamente literário entre os colaboradores do jornal.

“Estamos fundando uma tradição”: repertório coletivo e cânone regional

Se Joaquim professava orgulhosamente sua descontinuidade em relação às gerações precedentes de intelectuais e literatos do Paraná², em caminho contrário, Nicolau resgata e valoriza figuras que compuseram a história literária do estado, formando, ainda que de modo incipiente e não anunciado, um projeto de cânone regional. Em suas páginas, escritores do início do século conviviam harmoniosamente com os nomes das gerações de 70 e 80, sem qualquer traço de iconoclastia ou afirmação do novo mediante a recusa do estabelecido. De fato, Nicolau promove o contrário: a construção de ícones ligados à literatura paranaense, projeto que colhe frutos na atualidade, vez que tais ícones são cada vez mais reconhecidos pelos meios oficiais do Paraná enquanto protagonistas de uma história literária local³.

Nos primeiros números do jornal, observamos tal tratamento por meio de reportagens, ensaios e mesmo do espaço para textos de ficção e poesia. Assim, Ruth Bolognese escreve, no segundo número do periódico, a respeito de Dalton Trevisan e sua recusa à exposição social da figura de escritor, trabalhando em prol da formação do mito que, mesmo em seu isolamento, ou justamente por conta disso, se estabelece em torno do nome do contista. Com abordagem mais acadêmica, Cassiana Lacerda Carollo assina ensaio sobre a poesia de Dario Vellozo no terceiro número de Nicolau, mostrando mais uma vez que o periódico não se preocupa em delimitar trincheiras culturais e/ou literárias, favorecendo determinada linha de concepção estética em detrimento de outras, mas faz o resgate de uma memória literária paranaense, pensando a produção dos pioneiros com o

² Sobre a iconoclastia do periódico editado por Trevisan, ver: OLIVEIRA, Luiz Claudio Soares de. Dalton Trevisan (em) contra o paranismo. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

³ Exemplo disso é a exposição “Palavras do Paraná”, promovida pela Secretaria de Cultura do Estado do Paraná em 2017. A mostra reuniu onze nomes do “cânone regional”, visando a composição de um panorama dos principais autores paranaenses, desde os primórdios, no século XIX, até autores da geração de Nicolau. No mesmo sentido, é possível perceber a recorrência de tais nomes nas reportagens produzidas pelo Jornal Cândido, editado pela Biblioteca Pública do Paraná, o que nos sugere uma tradição, se não consolidada, em vias de consolidação.



mesmo rigor e abertura que apresenta em relação aos últimos lançamentos. No mesmo número, são publicados poemas de Helena Kolody, poeta que iniciou sua trajetória literária na década de 40 e, em 1987, já gozava de certo reconhecimento em âmbito local. Se seus livros saíram sempre por edições regionais, com pequenas tiragens e alcance limitado, coube ao Nicolau, em grande medida, construir um status de referência poética paranaense para a escritora. Ao longo das edições, Kolody obteve espaço privilegiado no periódico, não somente publicando seus poemas como também concedendo entrevista e tendo seus livros resenhados – fato que, em virtude de sua excepcionalidade (não foram muitas as entrevistas com escritores publicadas no periódico) corrobora a importância que a equipe de Nicolau atribuía à escritora.

De fato, no conjunto de um jornal, o espaço das entrevistas revela e atribui peso diferente às personagens que aparecem ali. Em se tratando de literatura, é uma oportunidade de aproximação entre autor e público, mas também um meio para formação do ícone, uma vez que assuntos profissionais se misturam com temas de ordem particular, perfazendo perfis biográficos dos escritores contemplados. Também as perguntas formuladas revelam muito sobre a linha do veículo. É este o caso, por exemplo, da entrevista com Domingos Pellegrini, publicada na edição de número quatro. Entre perguntas sobre sua relação com a literatura, o entrevistador pergunta ao autor se ele seria um “escritor paranaense”. Em teoria, questionamento óbvio e desnecessário – Pellegrini é londrinense, logo natural do Paraná –, porém, a pergunta busca provocar reflexão a respeito da existência de uma literatura paranaense ou das relações entre texto literário e lugar de origem, coisa que, de resto, o escritor não possui particular interesse, respondendo à questão um tanto laconicamente: paranaense, sim, mas também universal.

Deste modo, percebe-se no olhar “paranista” de Nicolau a tentativa de forjar uma identidade para as manifestações artísticas oriundas do Paraná, se não pela via estética – unidade que seria de difícil formulação –, ao menos pelos laços afetivos, por meio do reconhecimento dos pares e do campo possível de um debate comum.

No conjunto dos cinco primeiros números de Nicolau, porém, nenhum registro traz contribuição maior à discussão proposta do que a polêmica envolvendo Otávio Duarte e Paulo Leminski, a respeito do status da cultura paranaense contemporânea. Em texto publicado na terceira edição do periódico, intitulado “Nós da Estrada”, Duarte destaca alguns valores da cultura e das artes surgidas no Paraná – do teatro de Denise Stoklos à



música de Arrigo Barnabé, passando pela literatura de Valêncio Xavier e demais manifestações artísticas –, lamentando, contudo, a falta de marketing do “artista local”, em contraste com o que ocorre em outros estados, como a Bahia. Em meio à sua avaliação, porém, o autor questiona a dimensão do que estava sendo feito, afirmando que os paranaenses poderiam mais: “quem pode dizer que chega perto sequer de Guimarães Rosa? Qual é o grande romancista, poeta?” (DUARTE, 1987, p. 05).

A provocação despertou a ira de Leminski. Na edição seguinte, o poeta publica uma resposta ao texto sob o título de “Os Disparates de Duarte”. Interessa-me esta polêmica sobretudo pela avaliação que Leminski faz da literatura brasileira e, em especial, paranaense. Depois de listar uma sequência de nomes esquecidos ou ignorados por Otávio Duarte em seu balanço da literatura paranaense, Leminski aponta para o que seria o principal vacilo no texto do autor: cobrar do Paraná um escritor à altura de Guimarães Rosa. E discute os motivos pelos quais considera a provocação como “um disparate. Dois, aliás” (LEMINSKI, 1987, p. 10).

Num primeiro momento, rechaça qualquer comparação do que se faz no Paraná com o que se faz nas megalópoles, Rio e São Paulo, uma vez que estas “engolem cérebros de toda parte”. Na sequência, destaca a profundidade histórica e a densidade da tradição literária de estados como Minas, Bahia e Rio Grande do Sul para, na sequência, afirmar que “tirando esses Estados, não acho que a gente faça papel tão feio assim, no campeonato nacional das letras” (LEMINSKI, 1987, p. 10). E continua:

Paraná é Estado recente. Estamos fundando uma tradição, um passado, um repertório coletivo.
Só Curitiba tem passado literário rico, o Simbolismo do início do século.
É injusto um balanço que não leve em conta esses dados, injusto, maldoso e desonesto.
(LEMINSKI, 1987, p. 10)

Leminski segue seu artigo defendendo a prosa de Trevisan como a melhor do país naquele momento, bem como ridicularizando a tentativa de comparação com Guimarães Rosa, seja pelo fato de que, a seu ver, ninguém no Brasil fazia nada comparável ao escritor mineiro, seja por que, em literatura, “ninguém pode ter a glória do outro” (LEMINSKI, 1987, p. 10), cada artista é único e irrepitível – funciona a seu tempo. A fúria de Leminski também se volta contra outras declarações (ou omissões) de Duarte, desembocando numa sorte de carteirada literária:



E vamos ser francos. O que Duarte fez literariamente para, do alto de uma autoproclamada suficiência, ficar emitindo juízos globais sobre uma dinâmica cultural para a qual não contribuiu com nada?

Sobre a safra e a colheita, fale quem trabalha nela.

Emitir juízos à distância é fácil.

Faça. Depois, abra a boca. (LEMINSKI, 1987, p. 10)

Em que pese o autoritarismo do argumento (o direito à opinião crítica sobre a literatura é reservado somente àqueles que se destacam pelo fazer literário), a resposta interessa pelo que se coloca a respeito da realidade do Paraná. Leminski vai ao cerne da questão: o Estado estava formando uma tradição, um repertório coletivo. A polêmica, parece-me, abre espaço para a sintetização de uma ideia que, na prática, já permeia a composição do jornal. Nesta configuração, Nicolau assume papel fundamental na missão aventada por Leminski – a de fundar uma tradição, um passado literário. Daí que, em suas páginas, nomes históricos da literatura paranaense apareçam lado a lado de figuras contemporâneas, sem a iconoclastia de um Joaquim ou a urgência pela contemporaneidade e universalidade que marcaram o movimento simbolista e a geração dos anos 70.

Noutras palavras, há um passado referido em Nicolau, e há quem o leia com genuíno interesse, buscando nele a tocha que deverá ser conduzida adiante. Se não nos cabe uma afirmação apressada em relação ao estado de coisas atual, é certo que, do panorama de interlocução regional esvaziada analisado por Fernando Gil ao dinamismo da reflexão literária presente em Nicolau, o repertório comum assume a via da cristalização, formando um imaginário próprio a respeito da literatura paranaense. Um bairro próprio de escritores, ainda que, para os paranaenses, “no campeonato nacional das letras” o jogo esteja apenas começando.

Referências

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos 1750-1880*. 15ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.



DEMARCHI, Ademir (org.). *101 poetas paranaenses: antologia de escritas poéticas do século XIX ao XXI (1844-1959, volume I)*. Curitiba/PR: Secretaria de Estado da Cultura: Biblioteca Pública do Paraná, 2014.

DEMARCHI, Ademir (org.) *Passagens: antologia de poetas contemporâneos do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

DEMENECK, Ben-Hur. A era Nicolau [jornal Nicolau 1987-1996]. Em: *Jornal Cândido*, Curitiba, v. 34, p. 20-25, 2014.

DUARTE, Otávio. Nós da estrada. Em: *Jornal Nicolau*, Curitiba, v. 03, p. 05, 1987.

GIL, Fernando Cerisara. Notas sobre as Aporias da Literatura no Paraná (ou o porquê de a literatura do Paraná não ter a sua história). Em: OLIVEIRA, Márcio de; SZWAKO, José (orgs.). *Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná*. Curitiba: Ed. UFPR, 2009.

LEMINSKI, Paulo. Os disparates de Duarte. Em: *Jornal Nicolau*, Curitiba, v. 04, p. 10, 1987

OLIVEIRA, Luiz Claudio Soares de. *Dalton Trevisan (em) contra o paranismo*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

SANTOS, Marcio Renato dos. 2,99. Curitiba, PR: Tulipas Negras Editora, 2014.